

Nota de Abertura

Que história se produz? Como se produz? Eis afirmações recorrentes no meio historiográfico, subjacentes ao próprio exercício profissional de investigação, ao acto de “fazer história”. Mas no turbilhão dos dias que passam, perante uma crescente exigência, uma acrescida concorrência e uma ampliação do campo de intervenção disciplinar e dos meios ao seu dispor, importa alargar o leque de questões próprias do historiador, colocando em cima da mesa novas interrogações (ou já velhas, mas perspectivadas de forma diferente), nomeadamente as que se relacionam com a transmissão do saber e com a sua divulgação. Para quê? Para quem? De que modo? São questões de inquietude como estas que visam confrontar os historiadores com o seu papel e o da História na construção do futuro.

Imaginar o futuro é, à nossa medida, praticar a utopia. E, convocando Paul Ricoeur, diremos com ele que uma sociedade sem utopia é uma sociedade morta, porque sem projecto, sem metas prospectivas. A utopia surge aqui como a “exploração do possível”, de forma a inscrevermos os nossos actos no “coração do mundo”, e praticá-la é desenvolver “pequenos gestos”.

O Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, recentemente institucionalizado, tem procurado responder a esses novos desafios com alguns pequenos gestos, nomeadamente desencadeando novas fórmulas curriculares (na licenciatura e em pós-graduações) ou criando uma nova série da sua Revista, como já se assinalou no número anterior desta publicação. Essa preocupação tem-se explicitado ainda através da promoção de exercícios de reflexão colectiva, com características transversais aos diversos núcleos de investigação que integram o Departamento. Para iniciar esse debate, promoveu-se uma série de três colóquios, subordinados à referência genérica de “O Estado da História”, sucessivamente dedicados à investigação, ao ensino e à divulgação, procurando chamar a debate todos os seus docentes/investigadores, com a colaboração de reconhecidos especialistas externos nas diversas áreas. São tarefas para continuar, desenvolver e aprofundar.

As páginas deste segundo número da III série da *Revista da Faculdade de Letras – História* abrem-se também a esse debate, chamando para o dossier temático algumas das comunicações que se fizeram ouvir no colóquio *O Estado da História – O Ensino*, de forma a alargar a audiência dessas intervenções e a balizar algumas das ideias e problemas ali apresentados. Para além deste dossier, um núcleo de “outros estudos” e as habituais “notícias e notas de leitura” completam o corpo da Revista.

Entre os “outros estudos” encontram-se algumas páginas dedicadas a companheiros desta casa que, por motivos diferentes, deixaram de integrar o corpo docente do Departamento. Num dos textos, evoca-se a memória do malogrado Professor Doutor Armindo de Sousa, de que muito havia a esperar, e faz-se uma apreciação da sua obra por quem trabalhou com ele de muito perto. Dois outros textos reportam-se a actos afectivos de homenagem aos Professores Doutores Humberto Baquero Moreno e Luís António de Oliveira Ramos, por ocasião das suas aposentações recentes. Com o futuro ainda pela frente,

teremos de saudar os dois pelo que representaram para a afirmação do curso de História (hoje Departamento, que ajudaram a criar), da Faculdade de Letras e da Universidade do Porto. Dispensados do serviço lectivo, esperamos que continuem a colaborar com o Departamento de outra forma, honrando com o seu saber os nossos debates e a nossa investigação, continuando a publicar nesta Revista que continuará também a ser sua.

E, em hora de referências a afastamentos, queremos ainda evocar a figura do Professor Doutor François Guichard, geógrafo da Universidade de Bordéus, recentemente falecido, e que integrava o Conselho Editorial desta Revista. Eminentemente especialista, que cultivava a história com grande mestria, o Professor François Guichard tem, na sua dissertação de doutoramento (*Porto, La ville dans sa region*), uma obra incontornável para a compreensão do Porto Contemporâneo, além de uma dedicação quase por inteiro a problemas portugueses, visível nas suas inúmeras publicações. Grande amigo dos portuenses e de Portugal, François Guichard desenvolveu um trabalho admirável na aproximação com a França, particularmente entre Porto e Bordéus, sendo um dos fundadores do *CENPA – Centro de Estudos do Norte de Portugal – Aquitânea*. Pouco antes do seu precoce e abrupto falecimento, tinha aceitado integrar o nosso Conselho Editorial, não tendo sequer chegado a receber o primeiro número da Revista. O falecimento do Professor François Guichard significa o desaparecimento de uma voz crítica, amiga e interventora, representando para todos uma grande perda.

Finalmente, cabendo-nos, por inerência, assinar estas linhas introdutórias, substituindo o Professor Doutor Francisco Ribeiro da Silva, chamado a funções de Vice-Reitor da Universidade do Porto, queremos daqui saudá-lo e desejar-lhe as maiores felicidades no seu novo cargo.

Jorge Fernandes Alves